

QUEM ADAPTAR A QUEM: O GADO OU A PASTAGEM?

A professora Ana Maria Primavesi monopolizou as atenções falando sobre pastagens. Sobre o assunto entrevistaram com suas opiniões Karl. H. Mohrdieck e Darci Ribeiro.



Ana Maria Primavesi

Ana Maria Primavesi — Estou lutando seriamente pela implantação da pastagem racional rotativa. Há dois anos venho estudando a nossa pecuária. Viajei por vários países vizinhos, inclusive a Guiana, onde vi coisas bastante impressionantes, que deveriam ser consideradas aqui. Lá, como as condições são pobres, não existe possibilidade de um melhoramento econômico. Então, os criadores fazem o contrário. Escolhem o gado que melhor se dá com a pastagem, e depois fazem uma seleção de ventres. Posteriormente, na pior época do ano, durante a seca do verão, escolhem os ventres que melhor suportaram a seca. E destes ventres escolhem aqueles que dão cria todos os anos. O efeito é tal que, enquanto no lado brasileiro, o gado morre de fome no lado das Guianas, com pastagens que são só um pouquinho de macega seca, o gado esta gordo e se parece como na melhor época aqui no Rio Grande do Sul. Em quatro anos, eles conseguem sem nada, sem nenhuma alimentação suplementar, gado de 500 quilos, em média. Quem não viu talvez não acredite. Informaram-me que se trata de um método inglês e que o próprio Churchill foi o inventor da seleção de ventres. Acredito que aqui também, nós podemos fazer o mesmo, isto é, um meio termo entre melhoramento da pastagem e adaptação das raças ao pasto que

tempo à disposição. No sul do Paraná, por exemplo, há boas pastagens durante todo o ano, mas supercadas. Os criadores de lá dão preferência pela raça Caracu, que é uma raça muito antiga, mas quando alguns deles resolve criar Devon ou Hereford são mal sucedidos, porque estas raças não se dão com aquelas pastagens ruins. Então começa a correção do solo, a adubação, saindo caro o negócio, enquanto que os criadores de Caracu obtêm um gado razoavelmente bom. Esta é uma sugestão minha: adaptar o gado a pastagem e não somente a pastagem ao gado. Outra sugestão é a de que nos tentassemos melhorar as forrageiras, mas dentro de um bom critério, e não simplesmente porque fulano disse que determinada pastagem deu muito bem na França ou na Inglaterra. Há forrageiras que podem ou não podem se adaptar em nossos solos. Quando elas não se adaptam, o resultado é que o plantio fica muito caro. E todo o mundo sabe que hoje em dia um hectare de pastagem plantada vai a mais ou menos 500 cruzeiros. Quinhentos cruzeiros significam mais ou menos 270 quilos de carne que eu tenho de ganhar a mais para poder pagar a pastagem. Mas existem forrageiras nativas que também ficam verdes no inverno e que poderiam ser melhoradas. Porque eu não vejo razão, por exemplo, que a nossa grama paulista foi para a América do Norte e voltou como Bermuda grass, a nossa grama forquilha foi também para lá e voltou como pensacola. Não vejo razão porque nós não podemos fazer isto: escolher as forrageiras que se dão melhor neste tipo de solo e melhorá-las.

Darci Ribeiro — Apoio a professora Primavesi quando disse que muitas de nossas forrageiras que são nativas vão para o Exterior e voltam melhoradas e, às vezes, por preços elevadíssimos, como esta acontecendo agora com muitas das nossas tropicais. Realmente, acho que no setor pastagem esta nos faltando muita pesquisa, muita experimentação, especialmente com aquelas que são mais comuns em nosso meio. Por exemplo, não temos uma variedade conhecida de aveia, não temos uma variedade definida de

centeio. Poderia citar muitas outras, inclusive o próprio azevem. Têm sido feitas muitas experimentações, mas até hoje não temos uma orientação certa sobre qual o centeio que anda no Estado que é o que mais nos convém, qual o azevem que nos interessa mais e, enfim, a própria aveia. Hoje importamos aveia da Argentina e usamos praticamente só um tipo, porque foi se perdendo o interesse pelas nossas aveias, pela nossa produção de aveia. Acho que caberia ao setor público realizar esse tipo de trabalho, pois as nossas firmas que estão engajadas neste setor são ainda muito pequenas, não têm condições de fazer este tipo de trabalho. Acho de fundamental importância que esse trabalho seja realizado pelo menos com os pastos que se usam mais comumente em nosso meio. Quanto as nativas, temos um manancial ilimitado. Não penso que se aproveitem todos estes pastos, pois seria um trabalho muito grande, mas que se começasse pelos mais comuns e pelos mais simples.

Esta é minha opinião sobre os pastos que vão para o Exterior e voltam melhorados e por preços praticamente inacessíveis:

Karl H. Mohrdieck — O problema nutricional é um dos mais importantes da pecuária do Rio Grande do Sul. Nós não podemos, realmente, pretender maiores índices de produtividade se não resolvermos o problema nutricional. Tudo hoje está limitado, na pecuária de corte, as flutuações de produção do campo nativo. Muito pouco tem sido feito em pastagens introduzidas e em melhoramentos de pastagens. Sem resolver este problema nós não conseguiremos, com esse gado que temos, melhores produtividades. Concordo com a professora Primavesi e Darci Ribeiro sobre as pastagens que foram daqui e voltaram melhoradas. Nós temos introduzido forrageiras de vários países tentando talvez obter os mesmos resultados com aquelas espécies que foram criadas em ambiente totalmente diferente. São geralmente forrageiras que só produzem em alto nível de fertilidade do solo, o que nós não temos aqui. Nós temos de aproveitar o que existe. Não só em melhoramento de espécie, mas aproveitar o próprio campo nativo com melhor manejo, pois potencialidade existe. Nós não estamos aproveitando possivelmente mais que 70 ou 60% do pasto que cresce realmente no campo. E isto só é possível fazer com um aproveitamento do manejo da própria pastagem nativa. Quanto as espécies que nós temos aqui e que foram levadas para outros países, melhoradas e voltaram, realmente existem vários exemplos, não só do Rio Grande do Sul, da Argentina e Uruguai, mas também de leguminosas e gramíneas africanas e centro-americanas que foram

levadas para a Austrália e hoje estão se desenvolvendo espetacularmente na zona tropical e subtropical daquele país. As espécies que levadas para os Estados Unidos, realmente, não voltaram como a mesma espécie. Elas voltaram após trabalho de 12, 15 anos de melhoramento genético nas Universidades. O Bermuda grass voltou mas um híbrido; foi cruzado com uma espécie africana. Demandou um trabalho muito grande de pesquisa, de dedicação e trabalho genético. O pensacola não é o mesmo forquilha nosso. É um forquilha que foi encontrado na Baía de Pensacola, foi selecionado e veio para cá. Nós temos um potencial realmente grande de espécies no Rio Grande do Sul que podem ser melhoradas, após anos de trabalho, e ser introduzidas em nossas pastagens com vantagem. Mas não devemos esperar tanto tempo. Nós temos que aproveitar o que existe, nas condições naturais que existem, melhorando o manejo, adubando a pastagem. Acredito que realmente podemos conseguir 30 a 40% de produção do próprio pasto nativo em certas regiões, por manejo e adubação.

Ana Maria Primavesi — Também quero acrescentar que nem em todas as regiões os solos são tão bons para fornecer a todo o tipo de gado uma forragem suficiente. Nós temos, por exemplo, em Santa Maria, solos onde o gado engorda bem depois de passar dos 50 quilos. Mas o gado de desmama não pode ser criado nesse mesmo solo, porque simplesmente ele não desenvolve. Na Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul foi feito trabalho estabelecendo para todo o Estado limites para as pastagens, especificando as zonas onde o gado vai bem, conforme se queira criá-lo ou engordá-lo. Temos um erro que eu acho que é fácil de ser sanado através de uma extensão bem feita. O pecuarista não deve usar a melhor pastagem para o gado que já está para a venda, mas sim para o gado novo, porque este é o que paga muito mais, embora não imediatamente. Mas infelizmente a maioria dos nossos pecuaristas é imediatista, quer ver o lucro logo. A melhor pastagem eles reservam para o gado que vai para o abate e as piores são de dadas aos terneiros, que ainda demoram dois ou três anos para serem vendidos. Isto é absolutamente errado. Se nós dermos a melhor pastagem para o gado novo, que é o mais exigente, nós iremos ter em dois anos e meio ou, no máximo, três, um gado com bom peso para vender. Mas, se pelo contrário, deixarmos o gado novo passando fome e especialmente falta de cálcio e fósforo, então teremos de esperar de quatro a quatro anos e meio para poder vender um animal.